

DICIONÁRIO
DE
HISTÓRIA
DE
PORTUGAL

dirigido por
JOEL SERRÃO

Volume IV/SIS-ZURARA
e
ADENDA



Iniciativas Editoriais

VASCONCELOS

Vasconcelos, e presidente do conselho de administração da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência. [D. F.]

BIBL.: V. bibl. de trabalho, leis do.

VASCONCELOS, JOSÉ LEITE DE (1858-1941). José Leite de Vasconcelos Pereira de Melo nasceu na Ucanha, a 7 de Julho de 1858, e no aro do seu concelho, então de Mondim da Beira e hoje de Tarouca, se manteve até os 17 anos e meio, idade com que foi para o Porto, levando consigo o exame de instrução primária e um pouco de francês e latim. Tirou o curso do liceu em três anos (1876-79) e o de Ciências Naturais de 1879 a 1881. Formou-se em Medicina em 1886. Foi médico no Cadaval no 2.º semestre de 1887, mas ainda nele é nomeado conservador da Biblioteca Nacional, cargo que desempenhou até 1911, ano em que foi feito professor da Faculdade de Letras de Lisboa. Leccionou aqui Língua e Literatura Latina, Filologia Portuguesa, Língua e Literatura Francesa, Gramática Comparativa das Línguas Românicas, Arqueologia, Epigrafia e Numismática até atingir o limite de idade, em 1929. Não afrouxou, porém, seu labor científico até que a morte o levou, em 17 de Maio de 1941. Embora tivesse cursado ciências ditas positivas, todo o seu gosto eram as letras, que desde moço cultivava. A própria tese de formatura em Medicina, *A Evolução da Linguagem*, acusa essa vocação. Ambiente de aldeia, escola e leituras de cá e de fora, o exemplo de Garrett e Herculano, Teófilo Braga e Adolfo Coelho lançam-no decididamente na recolha de folclore. Os textos populares avivam-lhe o gosto da linguagem, ganho na mocidade, e o estudo dela logo dá amadurecidos frutos, como *O Dialecto Mirandês*, que mereceu o único prémio pecuniário conferido pela Sociedade de Línguas Românicas de Montpellier (1883). Com o registo das tradições populares vem-lhe naturalmente a necessidade de as interpretar e de lhes fixar a origem, e daí suas investigações arqueológicas. Aliava assim harmoniosamente, e para o mesmo fim — o estudo do povo português —, as três ciências que mais cultivou: a etnografia, a filologia e a arqueologia. Saem escritos maiores e menores respeitantes a cada uma delas, mas a grande aspiração do Mestre era tirar a lume um tratado, *Etnografia Portuguesa*, que desse uma visão global do povo, obra monumental que remataria toda a sua actividade científica. Seria a continuação das *Religiões da Lusitânia*, uma como etnografia das origens que publicara em três grossos volumes (1897-1913) e porventura o seu melhor livro. O plano vai-se-lhe formando aos poucos e a redacção

só começa em 1928, quando o autor já tem cerca de 70 anos. A natureza da obra obrigara à acumulação de um material imenso — lê e extracta quantos autores falam de Portugal e de portugueses, percorre o País de uma ponta a outra e não há lugar a que não chegue; só então se abalança a escrevê-la. E tinha agora também à sua disposição a grande riqueza dos arquivos que fundara: a *Revista Lusitana* (1889) e o *Arqueólogo Português* (1895); a etnografia objectiva estava à mão no Museu Etnológico, que igualmente criara (1893). Apesar de tudo isso, tinha de renunciar ao trabalho de síntese que concebera, por falta de necessários estudos monográficos. Resignava-se a organizar um *corpus* da nossa etnografia, que outros subsequentemente aproveitariam para elaboração da referida síntese. Mas nem esse propósito pode levar a cabo; a execução começara tarde de mais. Compôs ainda três volumes sobre a terra de Portugal e o povo — do 4.º, apenas 60 páginas. Com o seu opulento espólio literário se acabou o estudo do povo (4.º volume) e se iniciou a publicação dos materiais sobre a vida tradicional (5.º volume). E seguir-se-ão o 6.º e o 7.º Como livro suplementar da *Etnografia*, publicou-se do mesmo modo póstumamente o *Romanceiro Português* (2 volumes). Também Leite de Vasconcelos viajou muito pelo estrangeiro, onde sempre buscou sabedoria. Seguiu cursos de Filologia e Arqueologia na Universidade de Paris e aí se doutorou em Filologia Românica, em 1901, com a tese *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Em 1900 descobre na Biblioteca Palatina, de Viena de Áustria, o *Livro de Esopo*, importante fabulário português do século XV, e um ano depois, na Biblioteca de Leida, um manuscrito do século XII, em antigo provençal, a *Canção de Sancta Fides d'Angen*, códices que publicou e preencheram lacunas da literatura românica medieval. É assombroso o número de seus livros, folhetos e artigos. Enumeram-se aqui apenas as obras maiores: de etnologia — *Tradições Populares de Portugal*, *Ensaio Etnográfico*, *História do Museu Etnológico*, *Signum Salomonis*, *A Barba em Portugal*, *A Figa*, *Opúsculos* (vols. V e VII); de filologia — *O Dialecto Mirandês*, *A Evolução da Linguagem*, *Li-*



Dr. José Leite de Vasconcelos

ções
Filol
tolog
gues
logia
ment
o vo
Leite
infat
todos
a qu
cedeu
em h
seu s
um c
lancó
servi
inteir
os liv
dentr
honra
tural
melho
for o
sempr
Religi
obras
estud
res e
queólo
ou art
enorm
ceitos
habita
século
fico, q
serão
época
acumu
não fi
aband
ligam.
pre le
tigado
popula
na 'bo

BIBL.:
tenário,
Nacional

VAS
culos
nial, e
escrito
datas
-mor d
o Orien
desenvo
dor de
Pereira
guela;
de Mat
ter-se
estabele

ções de *Filologia Portuguesa, Estudos de Filologia Mirandesa, Esquisse d'une dialectologie portugaise, Antroponímia Portuguesa, Filologia Barranquenha*; de arqueologia — *Religiões da Lusitânia*. Acidentalmente professor de Numismática, escreveu o volume *Da Numismática em Portugal*. Leite de Vasconcelos foi um trabalhador infatigável que à ciência sacrificou quase todos os prazeres da vida. Nas disciplinas a que se aplicou ninguém entre nós o excedeu. Amou como ninguém a sua terra, em honra da qual erigiu os monumentos do seu saber. Sob aparência austera guardava um coração bondoso e justo. De índole melancólica, foram ainda as letras que lhe serviram de desabafo: compôs versos a vida inteira; *Baladas do Ocidente* e *Nuens* são os livros de maior tomo. Conheceu a fama dentro e fora do País, cumularam-no de honras, mas nem por isso perdeu sua natural simplicidade. Orlando Ribeiro, o seu melhor biógrafo, escreve dele: «Seja qual for o sentido em que se marche, topar-se-á sempre com os materiais que acumulou. As *Religiões*, a *Etnografia*, os *Opúsculos*, as obras maiores de Filologia, em especial os estudos sobre nomes de pessoas e de lugares e dialectos, a *Revista Lusitana* e o *Arqueólogo Português*, volumes bem ordenados ou artigos avulsos, constituem, no conjunto, enorme corpus da língua, das tradições, conceitos e maneiras de viver dos homens que habitaram o território nacional. Daqui a séculos, independentemente do valor científico, que o tempo vai apagando, estas obras serão consultadas como documentos de certa época da vida da Nação. A massa de factos acumulada graças a uma tenacidade heróica não ficará desaproveitada, ainda quando se abandonar a maioria dos conceitos que a ligam. José Leite de Vasconcelos será sempre lembrado como o mais operoso investigador de antiguidades, linguagem e vida popular que, em todos os tempos, floresceu na 'boa terra lusitana'.» [M. V. G.]

BIBL.: José Leite de Vasconcelos. *Livro do Centenário*, Faculdade de Letras de Lisboa, Imprensa Nacional, Lisboa, 1960.

VASCONCELOS, LUÍS MENDES DE (séculos XVI-XVII). Militar, governador colonial, comendador da Ordem de Cristo e escritor, dele se ignoram, com precisão, as datas do nascimento e da morte. Capitão-mor de várias armadas que demandaram o Oriente (onde militou por muitos anos), desenvolveu acção meritória como governador de Angola: ordenou a Manuel Correia Pereira a fundação da fortaleza de Benguela; derrotou por várias vezes o régulo de Matamba e obrigou o do Dongo a submeter-se como vassalo da coroa portuguesa; estabeleceu o presidio de Ambaca e pro-

moveu a descoberta das minas de cobre do Zambeze. Em 1621 entregou o governo a João Correia de Sousa e regressou a Lisboa, onde morreu pouco tempo depois. Como homem de armas, escreveu *Arte Militar Dividida em Três Partes* — *A Primeira Ensina a Pelejar em Campanha Aberta; a Segunda nos Alojamentos; e a Terceira nas Fortificações. Com Três Discursos antes da Arte. No Primeiro Se Mostra a Origem e Princípio da Guerra e Arte Militar, e o Seu Primeiro Autor; no Segundo a Necessidade Que Dela Tem Todos os Estados; e no Terceiro, como Se Poderá Saber e Conservar. E Uma Comparação da Antiga Milícia dos Gregos e Romanos com a Deste Tempo* (Alenquer, por Vicente Álvares, 1612, in-quarto grande). Mas o que lhe deu lugar cimeiro entre os nossos economistas e escritores de ideias foi o seu curiosíssimo livro *Do Sítio de Lisboa, Diálogo* (Lisboa, 1608, in-octavo de VIII + 247 págs., inclusas as do índice final), reeditado em 1786, com o título de *Do Sítio de Lisboa, Sua Grandeza, Povoação, e Comércio, etc., Diálogos de...*, e pela terceira vez dado à estampa em 1803. Escrito num esquema platoniano (que cerradamente quis emitir, através da discussão entre um Filósofo, um Soldado e um Político), nele se espelham, fundamentalmente, as observações colhidas pelo próprio autor, se bem que transpareçam influências de Platão (*Leis, República*), de Aristóteles (*Política*, liv. VII) e, muito provavelmente também, do italiano João Bótero (1540-1617), autor das *Causas da Grandeza e Magnificência das Cidades* (1589), da *Razão de Estado* (1583) e das *Relações Universais* (1591), as quais, ainda no século XVI, foram vertidas para castelhano. No seu *Diálogo*, Luís Mendes de Vasconcelos, além de propor a Filipe II a transferência da capital do seu império para Lisboa (um grande interesse daquela época) e de, com argumentos de boa política, tentar arrancar do espírito do rei qualquer intenção que nele houvesse de tirar os Portugueses, advoga o primado do comércio (objectivo dos Descobrimentos) sobre a ideia de conquista. Defende, por isso, uma política de *fixação*, isto é, um alicerce bem seguro de produção metropolitana inteligentemente organizada, como base da estabilidade do comércio ultramarino. Aperfeiçoar a agricultura e desenvolver, com base nela e na indústria, a economia metropolitana, nacionalizando com essa indústria o comércio de além-mar. Curiosa a sua opinião a propósito das lezírias do Tejo, nas quais há que «ajudarmos» as condições naturais «com o nosso artificio e diligência». Concretizando o seu pensamento, escreve: «Para que as cheias não sejam tão grandes que pela cópia da água